NOVEMBRO 71 nº 11

O COMUNISTA

a R. P. da CHINA na O N U:
vitória dos povos

Vinte e dois anos depois da conquista do poder o povo e o governo da República Popular da China, vêem os seus legítimos direitos restabelecidos na O.N.U.

A importância de tal acontecimento encontra tal justificação no facto político e revolucionário da China de hoje e ainda, no papel de primeiro plano que os camaradas chineses desempenham no impulsionar do processo de modificação de forças no mundo.

Os aspectos marcantes de tal processo resumem-se no isolamento das linhas estratégicas de opressão e agressão imperialista e revisionista por um lado; e, na radicalização da tomada de consciência dos povos do mundo na luta pela independência e soberania nacionais, por outro lado. A expulsão da O.N.U. do pretenso governo chinês da Formosa insere-se claramente neste contexto.

A época em que o imperialismo, todo poderoso, atacava, pilhava, desmembrava países, criando estados e governos fantoches, fiéis servidores dos seus interesses, encontrando uma resistência desorganizada, foi para sempre destruída. Acumulando uma rica experiência de luta, os povos do mundo respondem, progressivamente e, cada vez mais vitoriosamente, pela guerra revolucionária popular.

EM 1949, MAO PROCLAMA: «O POVO CHINÊS ERGUEU-SE!»

A R.P. da China nascera, após 27 anos de luta revolucionária. O povo chinês guiado pelo Partido Comunista estruturara ao longo dos anos um poderoso exército popular, saído do povo e servindo-o devotadamente e, que nas diversas etapas da revolução desbaratou sucessivamente os exércitos de elite dos senhores feudais, do imperialismo japonês e por último, o Kuomitang chefiado por Tchang Kai-Chek, ao serviço da reacção interior ligada ao imperialismo americano.

Escorraçado pela guerra do povo, Tchang Kai-Chek refugia-se, com algumas das suas tropas, na ilha chinesa Formosa e daqui continua a proclamar-se o chefe único de toda a China, com o apoio imperialista.

Sendo a pilhagem e a opressão dos povos condições necessárias de sobrevivência do imperialismo, a influência do exemplo que a revolução chinesa viria, inevitàvelmente a exercer na consciência dos oprimidos das regiões sub-desenvolvidas, particularmente na Indochina, punha em perigo aquelas condições.

Face a tal situação, os Estados Unidos elaboram a estratégia de isolamento e agressão da China articulada sobre dois aspectos: militar e económico-diplomático. Tal estratégia visava criar na região um clima de insegurança e de guerra, obstáculo à estruturação e consolidação da jovem República Popular, fomentando as bases do seu desmoronamento interno, condição para o regresso, em força, do seu homem de confiança Tcang Kai-Chek, e com ele o domínio imperialista.

É nesta lógica que os Estados Unidos desencadeiam a guerra de agressão à Coreia, em 1950, colocando, simultâneamente, a Formosa sob protecção da 7ª esquadra americana. Ao mesmo tempo, truman, então presidente, declara: "o estatuto da Formosa será posteriormente definido", declaração contrditória com a atitude que os Estados Unidos tinham tomado na Conferência do Cairo em 1943, onde reconheceram explìcitamente a soberania da China sobre a Formosa.

Utilizando a ONU então sob o seu controle, os E.U. fazem condenar a R.P. da China como agressora na Coreia, contra toda a evidência; opõem-se à representação do governo revolucionário legítimo e impõem os fantoches de Tchang Kai-Chek como únicos representantes legais da China.

(cont. na pág. seg.)

Perante a derrota na Coreia, o imperialismo modifica os métodos reforçando a estratégia, acentuando o cerco económico e diplomático (pressões e chantagens sobre os governos dos países inclinados a estabelecer relações com a R.P. da China) e apoiando-se nos governos fantoches dos países limítrofes da China (Japão, Tailândia, Coreia do Sul, etc) aí estabelece numerosas bases militares, ao mesmo tempo que prepara a invasão do Vietnam. Posteriormente, cerca de 1960, em resultado da transformação da U.R.S.S. numa potência social-imperialista o cerco militar da China foi completado com a implantação de bases de foguetões sivieticos na fronteira norte.

Foster Dulles, secretário de Estado em 1958 definiu de forma clara, o conteúdo político da acção do imperialismo: "o ponto de vista dos E.U. é que o poder comunista na China não é um fenómeno permanente e que um dia findará. Recusando o reconhecimento diplomático de Pequim, a nossa política visa acelerar esse fim".

(Foster Dulles tinha certamente em mente a evolução revisonista contra revolucionária da U.R.S.S. ao afirmar tais propósitos. Acreditamos convictamente que a Grande Revolução Cultural Proletária, desencadeada pelo camarada Mao Tse-Tung e o P.C.C., lançou o desânimo e o desespero nas hostes dos partidários de tal evolução)

Se até 1961, a simples posição dos E.U. bastava para bloquear a discussão na ONU sobre os legítimos direitos da R.P. da China, a partir desta época e como resultado da modificação das relações de forças que se vinha acentuando, a situação evoluiu progressivamente em desfavor do imperialismo, constrangendo-o à utilização de toda a espécie de artifícios no sentido de impedir a entrada do verdadeiro governo da China e a consequente expulsão do governo fantoche da Formosa. Recorrem assim ao princípio da "questão importante" (que requer uma maioria de 2/3 dos votos para ser aprovada), em seguida à teoria das "duas Chinas" e por último à teoria de "uma China e uma Formosa".

A firme posição de princípio da R.P. da China perante tais manobras é clara:

1º. Formosa é parte integrante e inalienável do território chinês;
2º. A expulsão dos fantoches da Formosa é condição indispensável para entrarmos na ONU.

A Assembleia Geral da O.N.U. ao legetimar, por uma maioria esmagadora de votos, o governo da R.P. da China como único e legal recusou simultâneamente as manobras dos E.U., infligindo-lhe uma formidável derrota diplomática.

A consequência imediata desta nova situação é o reconhecimento a nível das nações, de que a solução da questão da Formosa se encontra no contexto interno da nação chinesa. Aliás, foi e é sempre, neste ponto de vista, que o povo, o P.C.C. e o Governo Popular declararam a sua determinação em libertar um território que só a intervenção imperialista retardou.

A APLICAÇÃO VITORIOSA, DE UMA ESTRATÉGIA DIPLOMÁTICA E FUNÇÃO, antes de mais, DO COMBATE LIBERTADOR DOS POVOS

A recente ofensiva diplomática dos camaradas chineses assenta num princípio simples enunciado por Mao Tsé-Tung: "preservar na política correcta de desenvolver as forças progressistas, ganhar as forças intermédias, isolar as forças obstinadas e aplicar o princípio de exploração das contradições (1), ganhar a nós a maioria, opôr-se à minoria e esmagar os adversários um a um, agir com razão, vantagem e unidade de combate contra os anti comunistas impenitentes."

O êxito de uma estratégia diplomática correcta aplicada por um dado país resulta da interligação, de vários factores internos e externos. O seu momento de desencadeamento requer a reunião de condições favoráveis particulares. Para os camaradas chineses tais condições estavam amadurecidas:

a)- coesão de unidade interna resultante da radicalização da consciência proletária de todo o povo consequência da luta travada contra as ideias erradas e contra os agentes do revisionismo contra revolucionário infiltrados nos organismos mais responsáveis do Partido Comunista e em diversas administrações económicas e culturais (a extirpação das raízes contra revolucionárias que impediam o avanço da revolução era um dos objectivos da Revolução Cultural).

b)- situação mundial favorável caracterizada pelo isolamento do imperialismo, e social-imperialismo e pela grave crise político-financeira do capitalismo à escala mundial cujas causas são a progressão das lutas de libertação dos povos contra a opressão imperialista e ainda a luta do operariado dos países capitalistas, tomando formas cada vez mais radicais, contra a exploração capitalista.

A actual crise político-financeira do capitalismo revela, uma vez mais, a impossibilidade do sistema encontrar soluções para as graves contradições que o minam, em que a fundamental se define, pelo carácter social da produção e o carácter privado dos meios de produção, é a insolubilidade de tal oposição que levará ao aniquilamento total de todos os sistemas de exploração de milhões e milhões de homens por uma minoria de abutres sanguinários.

A divergência de interesses entre as diversas potências capitalistas, tendo em conta o momento actual, ameaça de romper a sua coligação, tentando cada uma lançar sobre a outra a responsabilidade e as consequencias da crise.

É nesta conjuntura que Nixon pede ao governo da R.P. da China para ser recebido, é natural, que Nixon, face à guerra que as potências capitalistas travam, esforçando-se uma por eliminar a outra na corrida ao estabelecimento de acordos comerciais, com a China, como panaceia de solução dos seus problemas internos, queira também mendigar a solução de alguns problemas que o afligem: queda do valor do dólar, Vietnam, Laos, Camboja, eleições presidenciais de 1972, etc. Às ilusões de Nixon responde a posição de princípio do governo chinês: só discutiremos das questões relativas ao contencioso entre os dois países. Sobre as questões da Indochina os E.U. deverão discutir directamente com os representantes dos povos revolucionários respectivos.

É justo sublinhar que o pedido de Nixon é feito a um país que até aqui ele se recusara reconhecer, conhecido o carácter arrogante do imperialismo, não é preciso ser-se doutor para discernir que tal visita é uma humilhação para a potência mais poderosa do mundo.

Ao aceitar o pedido de Nixon, os camaradas chineses propõem-se tornar claro aos olhos dos povos o carácter hipócrita da política de alianças das grandes potências, explorando simultâneamente as contradições surgidas, enfraquecendo consequentemente a frente dos governos reaccionários e estimulando a acção das forças anti-imperialistas. Estas contradições resumem-se:

1º.-os imperialistas quando embrulhados em dificuldades espezinham os compromissos, esquecem os seus aliados de ontem, sacrificando-os ao

(cont. na pág 9)

O início do movimento M-L em Portugal

INTRODUÇÃO

Desde 1964 (primeira grande cisão dentro do PCP-FAP) que o movimento revolucionário português tem manifestado um período de discussão ideológica, de várias experiências de organização e de acções novas. Nenhuma das tentativas, MAR, FAP, LUAR, CMLP, e agora FPLN de Argel e ARA conseguiu assumir a direcção do movimento revolucionário português, ligando-se de forma durável às massas populares.

De todo este processo, muitas lições se podem tirar. Quanto a nós, o falhanço de todas estas organizações e a sua estagnação ou o seu desenvolvimento está por um lado na ausência de uma linha marxista leninista (MAR, LUAR, FPLN), mas sobretudo e isto em todas as organizações (FAP e CMLP incluídos) na incapacidade de compreender o que é uma linha de massas, o trabalho de massas-em suma, como aplicar à prática uma estratégia revolucionária, tendente a desenvolver a resistência popular sob a direcção dos comunistas.

Neste primeiro artigo, que poderá parecer um pouco extenso, queremos analizar as dificuldades da FAP, do actual CMLP, da LUAR. Em artigos a publicar posteriormente, pretendemos definir as bases teóricas de uma linha de acção para os comunistas e os revolucionários portugueses no sentido do movimento popular se poder desenvolver, se determinar com clareza as tarefas de reconstrução do novo Partido Comunista.

A FAP pretendeu lançar a luta armada como remédio para a situação de isolamento dos militantes. Estes últimos organizavam-se para sustentar acções militares. Problemas concretos de acção violenta eram colocados independentemente do nível de organização das massas populares, o que conduziu rápidamente ao fracasso e ao aniquilamento pela polícia. Este tipo de acção, que podemos classificar como militarista está condenado ao fracasso pelo seu isolamento da luta de massas. O aparecimento breve da LUAR, as acções esporádicas da ARA, só vêm confirmar esta análise.

Da mesma maneira hoje certos grupos marxistas leninistas, andam à volta do problema da construção do novo partido comunista -primeiro objectivo- que deve constituir-se por um processo de depuração e discussão interna. Com que critérios? perguntamos nós. Que diabo de partido é esse em que os "militantes" passam a vida a discutir, sem nenhum contacto com as massas trabalhadoras?

Com efeito, para nós, a formação do novo partido comunista, o desenvolvimento da organização revolucionária, vai-se fazendo progressivamente através da ligação da teoria e da prática. Achámos muito importante há três anos a formação de um jornal, "O Comunista", que pouco a pouco se foi transformando numa organização. Este passo, o da organização inicial de militantes comunistas foi essencial; mas se este reagrupamento não tivesse tido desde o início uma preocupação: o alargamento no seio dos trabalhadores, uma prática revolucionária proletária, estaríamos provàvelmente na mesma faze de organização do início.

O que a princípio eram ideias vagas, tornam-se mais concretas hoje. Falava-se em "deserção com armas" ou em luta armada, de maneira pouco precisa e aparentemente sem estabelecer as relações necessárias. Hoje, o "Comunista" conseguiu uma coesão interna que não tinha, a organização actual corresponde a uma fase de consolidação e de depuração ideológica. Sabemos por outro lado que a organização só poderá desenvolver-se na medida em que souber ligar-se às lutas dos operários, camponeses, militares e de certas camadas da pequena burguesia.

importância do aparecimento da FAP e do CMLP

De todo o trabalho realizado pelo CMLP, 2 aspectos sobressaem, pelo seu valor eminentemente revolucionário e naturalmente pela sua conformidade com os princípios marxistas leninistas. O primeiro aspecto consiste na análise das contradições de interesses entre as classes que constituem a sociedade portuguesa, análise essa que conduziu à definição da etapa actual da revolução proletária como a revolução democrática popular. A correcta definição das classes que formam o campo revolucionário a caracterização da burguesia liberal como uma classe não revolucionária, orientada para a colaboração de classes e a conciliação com o inimigo, à influência da qual é preciso subtrair as classes populares, são um capital precioso que qualquer organização revolucionária deve fazer seu.

O segundo aspecto consiste no facto de pela primeira vez se ter apresentado a violência como uma necessidade constante do processo revolucionário, em opsição ao pacifismo capitulacionista dos revisionistas do PCP, e também na necessidade de organizar um exército popular sob a direcção proletária, como única forma que permite a destruição do estado burguês e das suas forças repressivas.

Se juntarmos a estes 2 aspectos, a luta desenvolvida contra a política de "coexistência pacífica", seguida pelos revisionistas, em especial pelo núcleo dirigente do PCUS; o apoio às posições anti-revisionistas do Partido Comunista da China e do Partido do Trabalho da Albania, e se juntarmos ainda a resolução de colocar fora das fileiras do PCP submetidas à disciplina contra revolucionária do revisionismo, a iniciativa revolucionária dos comunistas, teremos o essencial do conjunto das posições positivas defendidas pelo CMLP.

A inexistência de uma actividade revolucionária no seio das massas, provocada pelas próprias condições de repressão e as estruturas burocráticas do PCP; de maneira geral a inexperiência e a imaturidade do movimento operário português, criaram uma debilidade teórica impedindo a elaboração imediata de uma linha política correcta. É assim que a acção desenvolvida por esse grupo foi marcada por um erro grave, por uma visão errada que diz respeito às tarefas concretas que se punham e continuam a pôr ao proletariado português.

O reformismo do PCP manifestava-se mais claramente nas questões da "unidade anti-fascista" e do adiamento indefinido do desencadear da luta armada. À "unidade" e ao pacifismo de Cunhal quis-se contrapor, a todo o custo, uma falsa unidade popular e o desencadear imediato da "luta armada". Estas tarefas não foram colocadas dentro de uma linha estratégica em que o partido do proletariado assumiria o papel dirigente. Não se compreendeu que o "PC" de Cunhal não podia corresponder às aspirações do proletariado, não se pôs como tarefa fundamental a reestruturação do Partido Comunista em bases revolucionárias.

O primeiro passo dado pelo grupo dissidente do PCP foi constituído pela organização de uma pretensa frente popular -FAP- que tinha como objectivo unir o campo revolucionário, retirando-o à influência da burguesia liberal e dos revisionistas, conduzindo-o a formas violentas de luta que abririam a perspectiva da insurreição popular armada.

Dentro deste esquema o papel dos comunistas tornava-se apagado. O problema da organização da luta da classe operária desaparecia. De facto sem uma organização proletária é impossível desenvolver de forma durável a luta de resistência popular.

Teòricamente Francisco Martins definiu as bases justas de uma estratégia de alianças revolucionária operária-camponesa, contrapondo-a às confusões e às unidades "anti-fascistas" dos revisionistas de Cunhal;

(cont. na pág. seg)

O INICIO DO MOVIMENTO M-L EM PORTUGAL

Na realidade, Francisco Martins não soube por em prática a sua teorização, definindo uma linha de massas, dizendo como desenvolver, na fase do processo em que nos encontramos, a guerra popular pelo proletariado organizado.

Um dos aspectos da questão era o problema da organização autónoma dos comunistas.

Esta necessidade foi sentida, dando origem ao "Comité Marxista Leninista Português" e ao orgão impresso "Revolução Popular".

É a partir deste momento, que se começam a realizar os primeiros esforços no sentido de elaborar uma linha comunista. Mas significava a formação do CMLP uma justa compreensão dos erros já cometidos? O tempo veio mostrar que não. O CMLP tomou

O tempo veio mostrar-nos que não. O CMLP tomou o aspecto de um grupo de estudos marxistas, alheando-se completamente da formação de organismos comunistas, que pouco a pouco e através da luta de massas, fossem criando a base de um futuro partido. Toda a acção política continuou a ser orientada para o reforço da FAP, adiando-se continuamente o trabalho de reagrupamento dos comunistas, o que nos mostra que se estava bem longe de se ter compreendido os erros em que se persistia.

O CMLP apareceu como uma espécie de "tapa furos" a dar cor vermelha à acção que se estava a realizar, sem no entanto ser a resposta correcta para os problemas que se punham aos comunistas.

Como não podia deixar de ser, este erro de base teve repercussões a todos os níveis de actividade. A forma ligeira como se encarou a penetração na classe operária, dando primazia ao recrutamento de todo o anti-fascista mais ou menos revolucionário, originou no núcleo dirigente uma falta de confiança nos militantes que o rodeavam, acabando a direcção por se sobrecarregar de trabalho, o que inevitávelmente a expôs demasiado à repressão policial.

Apesar das críticas e auto-críticas que se sucederam, o núcleo dissidente do PCP, foi incapaz de modificar o rumo da sua orientação, que exigia como medida fundamental libertarem-se da FAP, dissolvendo-a pura e simplesmente, como fruto de um desvio oportunista.

a concepção militarista da "luta armada" da FAP e de outras organizações

Para nós, todos os aspectos militares da revolução devem partir da ideia segundo a qual as armas, não são o factor fundamental da guerra, mas sim o homem. Nesta questão como em todas as outras, a política deve dirigir todas as actividades.

A luta armada, como factor catalizador, deve compreender-se com o estado de organização e o grau de radicalização das classes revolucionárias. Pretender lançar, a todo o custo, num país onde o proletariado e o campesinato revolucionário estão desorganizados, a luta armada como único objectivo de organização é puro suicídio-as tarefas organizativas e militares exigindo uma absorção completa, cedo se chegará a um beco sem saída, em que o desenvolvimento da luta é impossível-falta de quadros e não existência de sítios onde os ir buscar.

Esta situação, mesmo que seja condenada teóricamente, é um risco prático enorme. Se, de facto, é importante organizar o aparelho militar ao serviço da luta de classes conduzida pelo proletariado--um risco importante existe na ausência de ligação com as massas, se a situação for de desorganização e de falta de actividade militante revolucionária real. Este risco consiste em querer organizar à força, um aparelho militar altamente especializado, em formas organizativas reduzidas e perigosas.

Um exemplo concreto deste oportunismo praticista foi o da acção da FAP. No trabalho que fizeram no interior, Francisco Martins e os seus companheiros, não se apoiavam (salvo em casos excepcionais) em grupos revolucionários pré-existentes, mas em meia dúzia de contactos que possuíam-antigos militantes do PCP-isolados, na maior parte dos casos, nos quais pouca confiança tinham. Esta situação explica-se pela falta de trabalho militante continuado desde há longo tempo e teve como consequência experiências desastrosas de camaradas contactados para importantes missões e que não apareciam aos encontros, etc.

Outro exemplo, neste caso exercido de forma consciente, é o oferecido pela acção da LUAR, que nem sequer pretendeu constituir uma acção durável no interior, o único fito que teve foi conseguir alguns apoios-sabe-se lá quais- destinados a permitir levar a cabo algumas acções feitas por indivíduos vindos do exterior do país.

O perigo do oportunismo que leva os quadros revolucionários a quererem formar a todo o custo grupos armados sem apoio de organizações e militantes legais seguros, ligados às massas, não existirá se houver uma justa noção das necessidades e das características da organização da luta revolucionária no nosso país. Isto significa na prática dar à guerra popular formas específicas consoante o momento histórico em que nos encontramos, ligando a actividade militar ao estado das forças organizadas do proletariado e das massas populares.

O corolário da preeminência dos problemas práticos de organização é o menosprezo da discussão ideológica, a recusa na prática da definição do papel dos comunistas na organização da luta das classes revolucionárias. Abundam as expressões do género: "Pensamos pois, que a via para a revolução democrática e popular passa pela criação de um amplo movimento político com formas de organização e de acções diversas e a vários níveis que eduque e mobilize as mais largas camadas populares, para o assalto ao poder e pela realização completa dos nossos objectivos revolucionários." Na prática só as tarefas de organização militar contam, e espera-se que por obra e graça do espírito santo do desencadear de um certo número de acções espectaculares "o processo se desencadeie". Pois este espírito é hoje também o da FPLN de Argel.

Esta tese, situada entre as concepções anarquistas dos socialista revolucionários da Rússia de 1905 e o caudilhismo à latino-americana, caracteriza-se por um expontâneismo em que o papel dos revolucionários se limita atentar golpes e esperar que as massas venham a correr cair nos seus braços.

O papel dos revolucionários não é dissolverem-se em acções isoladas das massas e fàcilmente aniquiláveis pela acção das forças de repressão, mas sim, colocar-se junto das classes revolucionárias interagindo-se e fomentando organizações que traduzam as suas aspirações, elevando o nível da luta e formas cada vez mais radicalizadas.

Isto não quer dizer de modo nenuhm menosprezar o papel das forças armadas de luta e da violência revolucionária empregue no momento imediato. O que nós queremos é, na prática, definir a etapa da guerra popular em que nos encontramos e as formas que a guerra popular deve assumir neste momento. O importante é, hoje, constituir organizações sólidas nas zonas fabris, base fundamental para o desenvolvimento da luta em Portugal, atacando numa contra-ofensiva vigorosa a burguesia. A criação dos grupos fáz-se já dentro da guerra popular, que hoje tem um caracter de violência de massa, da rua, de resistencia, forjando o máximo de militantes.

(cont. na pág. 8)

utilidade e limitações do militantismo no exterior

A REALIDADE

Uma das maiores fraquezas do movimento M-L português consiste na sua incapacidade em enfrentar as condições objectivas criadas pelo empobrecimento progressivo do país, pela repressão e pelo ascenso da luta revolucionária; e, mais concretamente, em capitalizar em acção política revolucionária o descrédito e o isolamento do P"C"P, seja a nível da vanguarda, seja a nível das massas.

Qual o significado desta situação da luta de classes em Portugal, no respeitante à emigração económica, ao exílio político e à deserção do exército colonial?

Podemos verificar que:

-todas estas contradições são mais uma prova concreta da impossibilidade da burguesia resolver pelas suas vias as contradições da economia portuguesa, da incapacidade política do P"C"P, quer em analizar, quer em avançar uma linha táctica e orgânica para enfrentar estas contradições, e da existência de uma esquerda comunista embrionária, que se forma na luta, mas ainda, sem um papel central de unidade e de direcção do movimento de massas;

-estes são factos, que atingem todo o povo e toda a vanguarda portuguesa;

-as questões que resumem esta contradição são fundamentalmente três:

1º) O emigrante económico é um elemento definitivamente perdido para a Revolução Portuguesa?

2º) O militante activo em Portugal, transforma-se num peso inútil por ser obrigado a mudar de país? O soldado que recusa a guerra pode ou não ser canalizado, para que a sua deserção se tranforme numa etapa que o conduzirá ao estágio de militante político, em vez de permanecer um revoltado isolado, cuja acção é, por isso mesmo, de gravidade restrita para a acção colonialista portuguesa?

3º) Será possível que uma acção política em Portugal seja controlada do exterior?

As respostas a estas questões, têm provocado bastantes dissidências entre a esquerda exilada, dissidências estas que se transformam nas causas próximas de várias tentativas de grupos políticos à esquerda do P"C"P,

AS LINHAS TÁCTICAS

Duas correntes tácticas diferentes respondem aos problemas. Qualquer delas mostrando que esta resposta não surge como uma contradição particular mas, antes pelo contrário, como resultado da sua concepção da luta em Portugal, da sua maturidade política e do conhecimento concreto da realidade portuguesa.

UMA, essencialmente estreita e chauvinista, resolve o problema suprimindo todo e qualquer português que viva no estrangeiro: "a luta é feita no interior". Só em Portugal se pode lutar pela constituição da vanguarda revolucionária e conquista do poder político, tudo o resto não são mais que estrebuchos de exilados, a quem há muito foi passada Reforma.

OUTRA, acha que o estrangeiro tem um papel a desempenhar na luta revolucionária portuguesa. No entanto, a forma táctica de ligar a luta no exílio, com a luta em Portugal, assume formas completamente antagónicas umas das outras. Vejamos:

A) O exterior como dirigente da luta política em Portugal.

1) OS COMANDOS DE CAFÉ: A incompreensão da natureza da revolução proletária, a visão pequeno-burguesa de povo (o povo é, por natureza, reaccionário quando muito participará somente na tomada do poder, actuando como força bruta de choque), de partido-massas (processo bastante complicado e moroso) de dirigentes vanguarda, etc. ligada à situação de exilado marginalizado da luta à escala nacional e internacional, faz com que se pense que o povo Português é imaturo politicamente.!....

Assim pois, a resolução desta situação só poderá ser feita por formas de luta violenta que ataquem as bases do poder da burguesia e ao mesmo tempo obriguem o povo a ter respeito por estes "fantasmas" que não morrem, estão por todo o lado e ninguém os vê, e que semeiam o terror e o respeito na burguesia. A resolução das contradições portuguesas assenta portanto num esquema táctico simples: o de comandos salvadores que correrão de boca em boca, por todo o país, tomando o peso do mito e da lenda. (ver Editorial "C" nº9).

2) OS PARTIDOS CASEIROS: a complexidade do movimento de massas, o partido, o programa e a linha táctica, etc., surgem como algo que, sim senhor, é preciso definir, demarcar e construir, mas que se faz sem muita complicação.... A contradição entre uma defesa intransigente de princípios abstractos (porque desajustados das condições objectivas e subjectivas da luta) e a leviandade e a ligeireza de os materializar na prática, são os extremos dessa parte de exilados fechados em si mesmos e, logo, auto-suficientes. As contradições em Portugal são de tal monta, que só no exílio, pela situação mais calma e portanto mais reflexiva... e mais global porque mais internacional... se forma a vanguarda que dirigirá o movimento em Portugal. (ver Editorial "c" nº9)

B) O EXTERIOR-UMA JUSTIFICAÇÃO DE ABANDONO POLÍTICO

1) MILITANTISMO NAS ORGANIZAÇÕES DO PAÍS DE EXÍLIO

Para esconder uma posição de demissão em relação à luta do país de origem, alguns ex-militantes, constroem laboriosamente uma teoria de internacionalismo matreiro: a luta do proletariado é internacionalista, os camaradas franceses (por ex.) estão em luta contra a burguesia, o que temos de fazer é a nossa integração a fundo nestas organizações, e Portugal logo se vê... O interessante é que estes camaradas aproveitam este súbito ardor internacionalista para reverem as posições revolucionárias, que diziam defender e passarem a defender o revisionismo com as suas máscaras ("comunismo nacional", "esquerdismo", etc)

Quanto aos sinceros camaradas que entram em organizações revolucionárias do país de exílio, e neste caso os militantes não são criticáveis, mas sim as organizações portuguesas que não têm capacidade para os mobilizar---neste caso ainda, esses camaradas estão a fugir às suas últimas responsabilidades revolucionárias, seja porque seguem o caminho mais fácil para agir, aproveitando as condições que outros militantes criaram anteriormente, seja porque esquecem a verdadeira base em que se cifra o internacionalismo: "A luta do proletariado contra a burguesia, embora não seja, quanto ao fundo, uma luta nacional, reveste no entanto, inicialmente, essa forma. É evidente que o proletariado de cada país deve acabar, antes de mais, com a sua própria burguesia." (Manifesto Comunista, pag. 30, ed. Textos Marxistas)

2) ASSOCIATIVISMO E MUTUALISMO--esta é a frase risível e caricatural da teoria anterior: pretende-se através de actividades clubistas e assistenciais, criar "movimentos proletários, para a consciência de classe, libertação total dos trabalhadores", etc.. Não se fala em movimento partidário mas sim em organização de massa, e este movimento geral irá evidentemente(!!) tomar posições internacionalistas proletárias!!! Estes camaradas, que separam "cuidadosamente" o trabalho legal do ilegal, que veêm subversão em qualquer termo menos humanista e geral, menos popular e mais militante, caiem curiosamente, na confusão máxima---querer fazer de um movimento associativo um partido político(!). Embelezando a

5 (cont. na pág. seg.)

sua prática reaccionária com verbalismo revolucionário, atacando o reformismo mas copiando o estilo mais rasteiro das festas e reuniões revisionistas tentando criar movimentos de massa conscientes mas recusando a definição de uma linha política e a construção da organização de vanguarda, acabam por se transformar em sabotadores da acção política, que conduzirá à libertação do proletariado.

A NOSSA POSIÇÃO

O ponto de partida da nossa análise, incide na seguinte conclusão: o elemento-motor do processo político é a luta de classes no interior do país; o exterior tem funções específicas de rectaguarda.

Digamos que esta frase indica a posição óptima que o processo político português tem de seguir. A questão a pôr é a seguinte: qual é hoje a realidade das forças subjectivas (acção, organização) do proletariado?

A resposta, nos fins de 71, é a seguinte: existe um embrião organizativo revolucionário nos principais centros proletários, mas a ligação com o exterior desempenha ainda um papel importante: discussão e intercambio teórico e prático.

Se examinarmos esta questão uns anos antes (digamos 1969), verifica-se que o movimento M-L vivia de espontaneidade e de boas vontades, completamente ao sabor dos acontecimentos, sem planificação, sem ideias assentes sobre a evolução do processo que conduziria à formação do partido.

Nessa época, qual era a posição justa a tomar no exterior? Canalizar todas as forças para a acção no interior, desencadear uma agitação e propaganda que pudesse auxiliar a implantação no interior das ideias M-L, orientar o trabalho militante, especialmente para Portugal. Entretanto, no interior, vários grupos se formaram fora da influência de "O C:"; a sua prática correcta, concretizada principalmente no abandono do pântano do teoricismo abstracto, na ligação às lutas de massas e na implantação nos meios proletários, levou a que esses camaradas seguissem um caminho comum ao dos militantes dos núcleos "O C.", caminho esse que se concretizou na junção e unificação dos vários embriões de organização já existentes (fenómeno analisado no artigo "Por uma linha comunista (M-L), deste nº de "OC"). Com a evolução do processo, torna-se académico discutir se a linha era justa ou não; porque o trabalho deu precisamente os frutos que se esperavam. Por conseguinte, primeira conclusão a tirar: é possível exercer, do exterior uma acção eficaz de orientação, informação política e estabelecimento de contactos em Portugal.

Contra o derrotismo de algumas tendências do interior, que excluem da luta os camaradas que são obrigados ao exílio, "OC:" provou que a saída do fogo da acção não significa demissão, que é possível continuar ligado à realidade portuguesa, descobrir a palavra de ordem justa para a acção revolucionária do proletariado.

Mas a diferença em relação aos doutores políticos de exílio, é que "OC." afirmou desde o início, que o partido só se constituiria em Portugal, que toda e qualquer acção do exterior teria um objectivo instigador e não coordenador, que o problema das estruturas partidárias e pró-partidárias teria de ser examinado em discussão interior-exterior, e que o interior teria o direito da "decisão final". O que conduziu o movimento à sua situação actual-o interior está em diálogo com o exterior, e os esforços têm de ser feitos no sentido de ser o interior quem define a competência e as funções do exterior. O que conduzirá o processo à posição óptima que foi indicada no início deste ponto: interior elemento motor---exterior, rectaguarda.

DIFERENÇAS COM AS TENDÊNCIAS ATRÁS INDICADAS

1) COM O PRINCÍPIO DE "O EXÍLIO A DIRIGIR"-para os comunistas, o problema que se põe em primeiro lugar, é a necessidade de formar um partido do proletariado; essa necessidade surge não só tacticamente como um ponto chave para a tomada do poder, mas principalmente como uma questão estratégica: a construção da futura sociedade comunista. Na verdade, não basta escorraçar os exploradores, para que se abra o caminho para o socialismo. Os vícios da ideologia burguesa permanecem na nova sociedade, só podendo ser aniquilados se existir um partido do proletariado, vigilante e defensor do interesses revolucionários dos antigos explorados.

Esse é o erro fundamental das posições dos comandos de café, ou da formação do partido em círculo fechado; porque essas tendências, ou desprezam conscientemente a formação do partido (caso dos "comando"), ou o tentam construir de forma idealista desligado da luta de massas, verdadeiro cal alfobre dos quadros e dos activistas que enquadrarão o proletariado, o campesinato e as massas recuperáveis da pequena burguesia.

2) COM O PRINCÍPIO DE "A ACÇÃO SÓ NO EXÍLIO"-Se os militantes decidem da sua implantação definitiva no lugar de exílio, a sua entrada em organizações políticas desse país, abandonando assim a revolução portuguesa, não terão que se interessar especialmente com a emigração, nem tentando colocar artificialmente o emigrante económico como força de choque da esquerda francesa (por ex.), nem, desviando de um modo oportunista o emigrante político dos interesses fundamentais que ele terá que defender para exercer um verdadeiro internacionalismo: a destruição da burguesia do seu próprio país.

Quer isto dizer que o emigrante económico ou político se deve divorciar completamente da luta de classes no lugar de exílio?

De forma nenhuma, A acção no exterior não é fechada e limitada a uma actividade de grupelho completamente hermética à influência do país onde se está. Bem pelo contrário, há uma inter-influência dialéctica entre a acção directamente de apoio ao interior e a própria participação na luta de classes noutro país estrangeiro.

O caso da França é particularmente significativo e importante. É desnecessário relembrar a quantidade enorme de trabalhadores portugueses nesse país. Os camaradas que não estão em condições de fazer um trabalho directamente em relação com o interior devem mergulhar a fundo na luta de classes francesa, organizando os trabalhadores portugueses. Assim, as bases políticas portuguesas no estrangeiro poderão fortalecer-se com operários revolucionários, forjados na luta, que darão (na medida das possibilidades de cada militante), o seu contributo para a organização do interior, adaptando essa experiência à realidade portuguesa.

Como dizia Lenine: " Em segundo lugar, o movimento sócial-democrata é, por sua própria natureza, internacinoal. Isto não significa só que devemos combater o nacionalismo. Significa também que o movimento embrionário num país jovem, só se pode desenvolver com êxito se levar à prática a experiência dos outros países. Para isso, não basta conhecer esta experiência e copiar mecânicamente as últimas resoluções adoptadas; para isso é necessário saber assumir uma atitude crítica perante esta experiência, e comprová-la por si mesmo"-" Que fazer?". Actualmente o trabalho no exterior é muito importante para a evolução correcta da organização no interior. Isso implica uma demarcação rigorosa entre militantes e estruturas destinados à acção, em relação ao interior, ou ao trabalho no meio da massa emigrada.

A situação evoluirá, o centro revolucionário constituir-se-á sòlidamente no interior. Nessa altura, teremos que redifinir as condições de trabalho no estranjeiro em função da nova situação criada.

Resumindo: *** ***

1) Existe uma relação dialéctica exterior-interior expressa na prática pela saída do país de emi-

[cont. na pág. 8]

POR UMA LINHA COMUNISTA
(marxista - leninista)

1) Mobilizados a partir das frentes contra o colonialismo, a repressão e o revisionismo, os camaradas mais conscientes apreendem rápidamente a inutilidade dos esforços isolados a necessidade de coordenação das acções e das campanhas. Essa elaboração do "plano sistemático", como dizia Lénine, só pode ser feita por uma organização politicamente coesa e unida, estreitamente ligada às lutas de massas, capaz de organizar e dirigir a frente de classe e a sua expressão superior, o exército popular, armas fundamentais para a destruição da burguesia. Este "plano sistemático" é, por conseguinte, a estratégia e a táctica, e a organisação que o elabora e está ao seu serviço, o Partido Marx-Leninista.

2) Mas o atingir a consciência de uma realidade, não basta para que esta seja satisfeita. A formação deste partido é uma tarefa difícil, eis a conclusão a tirar da experiência dos militantes a partir da cisão provocada pela FAP em 1964.

Vários são os motivos dos fracassos destes anos, mas os principais têm como origem a fraqueza ideológica e teórica do movimento, a origem burguesa da maioria dos militantes.

Sem um método científico da análise da sociedade portuguesa (prática concreta, reflexão teórica, nova prática que conduz a um novo avanço teórico, etc.), os militantes ficaram desarmados e permeáveis às "modas", oscilações e contradições do movimento comunista internacional, que os afundaram [illegible]. Foi a época em que os militantes se degladiavam com citações de Mao-Tsé-Tung e em que o "verdadeiro" m.l. era aquele que falava da China por tudo e por nada. Os exemplos mais extremos desse "andar às cegas", encontram-se nas aderências ao guerrilherismo e caudilhismo latino-americanos, e no "internacional situacionismo" (contestação aqui e já da sociedade de consumo, reacção individual e não colectiva, etc. etc., tudo isto apareceu em círculos estudantis do fim da década de 60, em Portugal, ditadura burguesa a sair do sub-desenvolvimento!...).

Proliferavam os vícios intelectualistas vanguardistas. A maioria dos militantes tentados pela acção sensacionalista ou pela formação do Partido em círculo fechado, provém dos meios estudantis e intelectuais. Isso não é um acaso, é a consequência natural do afastamento das lutas de massas. A "elite" constitui-se e organiza-se. Tem confiança em si e desprezo pela incultura e aparente apatia do povo (o "popularucho", como eles dizem). Daí a formação do "comando salvador" seja com armas na mão, seja com um projecto de programa - não vai senão um passo.

Estes vícios oportunistas de aristocracia erudita, desaparecem quando esses camaradas se ligam estreitamente às lutas dos trabalhadores. Essa a razão porque "O C" deu sempre a palavra de ordem de "ir para os operários", e abandonar os corredores das associações académicas (pelo menos por agora, enquanto a vanguarda revolucionária não está definitivamente implantada na fábrica e no campo).

3) A gestação de um estilo de trabalho verdadeiramente marxista-leninista, foi, por conseguinte, longo e difícil. Mas muitos militantes souberam analizar os erros do passado, enfrentá-los e superá-los: é uma realidade inegável a progressiva perda de influência do revisionismo, é um facto que os marxistas leninistas se encontram hoje no seio do proletariado e do campesinato, e não só nos bancos das universidades.

Esta acção não é só da responsabilidade dos nucleos "OC". Como dizia o editorial do "C" nº9, "outro factor importante a ter em conta é o contínuo aparecimento de grupos de marxistas-leninistas, elementos extremamente activos e dinamizadores do processo político português". Este fenómeno é importante dado que acelera as condições para a formação do partido; mas para que o processo de unificaçao de todos estes grupos isolados se verifique, é necessario que os militantes se encontrem na prática politica, e que exista uma verdadeira coesão ideologica entre os vários centros de marxistas-leninistas.

Para favorecer esta polémica unificadora, tem "O comunista" publicado alguns estudos sobre problemas Táticos (luta no exército, a questão da frente, o sindicalismo, etc.) Neste número publica-se uma análise do nascimento do m-l em Portugal, e indica-se a nossa posição sobre o problema da emigração económica e política; no próximo número sairá um balanço geral dos núcleos "OC", e prepara-se uma brochura onde serão expostas de forma consequente as várias posições políticas assumidas em artigos do jornal "OC".

Esta será uma das nossas contribuições à discussão que clarificará a posição dos vários grupos. Esta discussão deve ser seguida também no interior de cada grupo; ela processar-se-á entre os núcleos "OC", e todas as organizações devem levar por diante essa discussão interna. Passada a época pré-histórica do sectarismo e do dogmatismo, desmascarado como sub-produto teórico o seguidismo, a tarefa fundamental que se põe hoje aos m-l é a sua nítida demarcação teórica e ideologica. Esta demarcaçao evitará a queda do movimento em novos vícios, entre os quais avultam como possíveis nesta etapa, o praticismo e o obreirismo. A clareza politica das respectivas posições, permitirá a unidade entre os militantes revolucionários e a sua adopção de métodos leninistas de organização; Essa radicalização política provocará também, evidentemente, a exclusão dos elementos oportunistas que até aí apareciam ambíguos e oscilantes, nessa altura obrigados pela propria dinâmica da discussão interna e externa a tomadas de posições inequívocas.

A fase é, pois, de salto qualitativo do movimento m-l; trata-se, em suma, de unir o que é possível unir e de regeitar o que se tem de regeitar.

CAMARADA:
A INFORMAÇÃO É UMA ARMA NAS MÃOS DO POVO
INFORMA-TE e INFORMA

o inicio do movimento M.-L. em Portugal

Lenine dizia:

"Onde as condições organizativas não existem é necessário fazer todo um trabalho de base, destinado a desenvolver a organização revolucionária dentro do proletariado e dos outros sectores revolucionários, a integrar os militantes revolucionários nas massas, a dar um conteúdo à luta do proletariado e do povo".

"a luta pelo derrubamento do fascismo" segundo certos «marxistas-leninistas»

Ao analizar as diversas tendências de organização que se têm manifestado desde a saída de Francisco Martins do PCP queremos referir-nos brevemente a um tipo de propostas para a situação actual feitas por certos "marxista-leninistas".

Sem nenhuma ligação com a prática, tem-se a boca cheia com a formação do Partido, construindo esquemas e mais esquemas completamente desligados da realidade.

Foi sobretudo o CMLP, na sua versão dogmática que sucede à 2ª conferência, que materializa de forma mais coerente. Teríamos passado por cima desta questão, dado que o CMLP praticamente desapareceu, se não houvesse um perigo constante no ressurgimento do dogmatismo, da interpretação falseadora e esquemática do marxismo-leninismo.

Hoje, na fase em que nos encontramos do processo de reconstrução do Partido Comunista, importa mais do que nunca ter consciência da necessidade de se formar progressivamente uma organização centralista democrática, em que os revolucionários actuem com uma teoria resultante da ligação constante com a classe operária.

Segundo os dogmáticos pseudo marxistas-leninistas a revolução faz-se segundo um esquema ideal:

1º Constrói-se o Parido independentemente de todos os acontecimentos que possam suceder na vida nacional e sobretudo ignoram-se as massas populares não se perdendo tempo com elas. Uma vez esta tarefa realizada,

2º Conquistam-se as massas populares através da propaganda e da divulgação dos textos clássicos marxistas-leninistas desligados da necessidades das massas. Por último,

3º Desencadeia-se a guerra popular sob a direcção absoluta do Partido.

O menos que se pode dizer deste "sistema" digno do mais tacanho burocrata, é que um tal Partido não dirigirá absolutamente nada e muito menos a guerra popular. O Partido Comunista é a melhor arma de que o proletariado pode dispôr, e a sua criação é uma tarefa premente dos marxistas-leninistas, mas estes "revolucionários em redoma" esquecem-se de que o Partido se cria e se fortifica na luta. Fora desta, só surgirão abortos. Só na luta se forjarão os combatentes de vanguarda que farão a ligação dialéctica da teoria e da prática e saberão dirigir a luta do proletariado e seus aliados pela conquista do poder.

Burocratas perfeitos, estes pseudo marxistas-leninista criaram mecânicamente cópias perfeitas de tudo o que já foi feito no respeitante a organismos do Partido ou dependentes dele. Pena é que não haja um mínimo de militantes para os preencher. Os postos foram divididos, há acumulação de funções, mas pouco importa. O importante é que haja esquemas, nomes e atribuições de responsabilidades. Na medida em que menos mexem, menos podem ser postos em questão pela sua actividade.

Este esquematismo desdobra-se de um dogmatismo estreito. Se o movimento revolucionário português não se enquadrar nesse esquema, tanto pior para o movimento. Para os nossos "m-l" não há azar, ficarão com a verdade no bolso, de pé firme, colados de pedra e cal, mas analizar a situação e reajustar a linha... não o farão.

Da teoria marxista-leninista fizeram um credo, uma doutrina mecânica, em vez de nela verem uma ciência, um método de análize a aplicar a cada situação concreta. Leram muito e compreenderam pouco, muito pouco mesmo. Viram em Lenine que "sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário", e que fizeram então? Teoria. Mas que teoria? Uma teoria desligada do movimento, porque são incapazes de apreender o movimento. As teorias deles são repetições mecânicas, são elucubrações abstractas, metafísicas, que pouco ou nada têm a ver com a situação portuguesa actual. Fazem citações dos grandes clássicos, esquecendo o contexto em que foram metidas.

utilidade e limitações do militantismo no exterior

grantes económicos e políticos, e pela acção de propaganda exercida pelos círculos na emigração tanto em relação ao interior, como em relação aos emigrantes, canalizando os seus interesses para a revolução em Portugal.

2) Concretamente, os militantes podem exercer no exílio, entre outras, as seguintes actividades:
   a) implantação nos meios emigrantes, destinada:
      1) a despertar e desenvolver a consciência de classe;
      2) ao recrutamento e preparação de quadros políticos;
   b) propaganda contra a burguesia portuguesa destinada ao seu isolamento internacional, divulgando os seus crimes, tanto em relação às massas trabalhadoras nacionais, como em relação ao povo das colónias;
   c) ligação com organizações estrangeiras, de maneira a organizar o apoio à deserção do exército, e às lutas do proletariado e do campesinato em Portugal.

3) O desenvolvimento do processo conduzirá a transformar o interior no polo dinamizador e dirigente de toda a acção política, transformando-se o exterior na retaguarda do movimento revolucionário português.

"...os cinco caracteres fundamentais do imperialismo: 1) concentração da produção e do capital chegado a um grau de desenvolvimento tão elevada que cria os monopólios, cujo papel é decisivo na vida económica; 2) fusão do capital bancário e do capital industrial, e criação, sobre a base deste "capital financeiro", duma oligarquia financeira; 3) a exportação de capitais, diferentemente da exportação de mercadorias, toma uma importância muito particular; 4) formação de uniões internacionais monopolistas de capitalistas que partilham o mundo entre si; e 5) fim da partilha territorial do globo entre as maiores potências capitalistas."

a REPUBLICA POPULAR da CHINA

salve-se quem puder. O que não deixará de estabelecer certa tensão, a nível da relacção entre governos, mesmo daqueles que só sobrevivem graças ao apoio político, económico e militar dos E.U.

29.-as dificuldades que os E.U., a nível interno e externo, passarão a defrontar para continuar a justificar a política de propaganda de guerra contra a China e a pretensa política expansionista desta, acusação de uma cretinice extrema, pois a China não tem um único soldado fora das suas fronteiras. Este tema é hoje utilizado, também, pelos revisionistas soviéticos como pretexto para a agressão perpretada na fronteira sino-soviética.

As mesmas dificuldades defrontrarão os governos fantoches dos países que se prestam a trampolim da política do imperialismo, situação que os movimentos de libertação nacional nestes países não deixarão de aproveitar

39.-consequência dos dois pontos anteriores, o movimento democrático, pela evacuação das tropas US do Sudoeste Asiático, quenos E.U doeste Asiático, quer nos E.U. quer noutros países pode ser fortalecido.

Assim como é favorável o momento para reforço de movimentos que exigem dos respectivos governos uma definição de orientação, em política internacional, marcadamente independente dos E.U.

49.-no fim das exitações expectantes de alguns governos inclinados ao reconhecimento diplomático da RP da China, mas receando as chantagens e pressões dos E.U.

59.-as fricções inevitáveis entre imperialistas e social-imperialistas, estes receando ver comprometida a hegemonia das duas super potências, fundamentada na chantagem atómica, económica e política, sobre os países mais fracos. (um dos aspectos importantes da política externa chinesa é o combate à política de blocos, que dividem e partilham entre si a pilhagem dos povos.

Os efeitos da estratégia diplomática chinesa, fizeram, particularmente, sentir-se na Assembleia Geral da ONU. Entre a maioria dos países que votaram a moção albanesa e, portanto, pela admissão da RP da China, alguns há cujo voto reveste um significado especial. Caso, por exemplo de Portugal e Israel, países profundamente anticomunistas. Portugal, um dos países mais atrazados da Europa, empenhado numa guerra colonial em três frentes, ferro de lança do imperialismo mundial em África e chacinador de populações inteiras, aliás como Israel, teria repentinamente virado aos bons sentimentos? Vejamos os factos: Portugale Israel votaram a favor da moção americana e japonesa, a qual estipulava que a expulsão da Formosa era uma "questão importante" e que sendo aprovada bloqueava efectivamente a admissão da China na ONU. Só a derrota desta moção, que anunciava o fracasso total da diplomacia americana nos últimos vinte anos, levou os dois países a dissociar-se da causa perdida, abandonando o seu protector.

Tal manobra táctica rudimentar visava, na mente dos seus executores, ganhar o reconhecimento do governo da RP da China, limitando este na denúncia dos crimes cometidos pelos dois países sobre os povos africano e palestiriano, e que pela lógica das concessões acabasse por rarear o apoio material e político fornecido pelos camaradas chineses aos movimentos de libertação das colónias portuguesas e da Palestina árabe.

As idas recentes a Pequim das delegações da Frelimo, conduzida por Samora Machel e do M.P.L.A. e ainda a recente visita de uma delegação de jornalistas chineses às regiões libertadas da Guiné, demonstra perfeitamente as relações militantes que ligam o povo chinês aos povos que combatem pela libertação nacional.

A primeira declaração do delegado da RP da China na ONU, é a garantia concludente que os povos oprimidos e as pequenas nações estranguladas pela garra imperialista, encontram na China um país irmão inteiramente decidido a lutar pela causa justa dos escrvos do mundo.

Ao declarar cinco que a RP da China não será nunca uma super-potência oprimindo outros povos, o delegado chinês dissipa as ilusões dos imperialistas e social-imperialistas de continuarem, nas costas dos povos, a decidir do destino da humanidade. O toque de finados da hegemonia das duas super-potências na ONU soara.

Se a tendência geral é a satisfação, é, porém, importante não esquecer que a estratégia prioritária e fundamental é a via revolucionária, é a mobilização e organização do povo para o combate, é a conquista do poder pelas classes exploradas.

na O.N.U.

(1)--Este princípio tem um carácter universal. É útil também, relembrar a análise dos camaradas chineses das contradições que caracterizam o mundo actual: 1ºcontradição opondo as nações oprimidas ao imperialismo e ao social-imperialismo; 2º contradição opondo o proletariado à burguesia dos países capitalistas e revisionistas; 3º contradição opondo países ao social imperialismo e os países imperialistas entre si; 4º contradição opondo países socialistas aos países imperialistas e ao social--imperialismo.

"... o povo norte-americano e os povos dos demais países ameaçados de agressão pelos EE.UU. devem unir-se e lutar contra os ataques dos reaccionários norte-americanos e de seus lacaios nestes países. Sòmente a vitória desta luta permitirá evitar uma terceira guerra mundial; de outra maneira é inevitável."

A ./10 os jornais referenciaram um ataque dos guerrilheiros do PAIGC ao quartel de Careconde no sul da Guiné. Pretendem que não houve baixas do lado português e que na operação estavam envolvidos cubanos.

A 11/10 novo comunicado sobre a situação na guiné em que pretendem ter morto nos últimos 15 dias de Setembro 37 guerrilheiros do PAIGC
Há na Alemanha 44 796 trabalhadores portugueses
A 12/10 novo ataque do PAIGC no Sul da Guiné

Dum relatório resevado do exército destacamos o seguinte quadro respeitante à evolução total, por anos, da situação militar em baixas no exército colonial no sector de Cabinda

anos	baixas	feridos	mortos
1962	160	119	41
63	96	83	13
64	288	239	49
65	136	111	25
66	101	91	10
67	80	74	6
68	122	100	22
69	434	488	26
70	708	660	48

DOS "PERITREPS e SITREPS" (DOCUMENTOS RESERVADOS DO EXÉRCITO) TIRAMOS OS SEGUINTES NÚMEROS:
BAIXAS EM ANGOLA DE ABRIL a JULHO DE 1971
ABRIL 137 (EM MARÇO 151)
MAIO 99
JUNHO 67
JULHO (de 1 a 9) 31

O governo fascista faz morrer os portugueses para defender os capitalistas de todo o mundo; para isso vai empregar 10.000 soldados para proteger as obras da barragem de Cabora-Bassa, a energia desta barragem, quando pronta, será fornecida na totalidade aos racistas da África do Sul.
A ./10 todos os soldados do quartel de Sacavém e respectivas bagagens foram revistados devido ao aparecimento de panfletos anti-coloniais dentro do quartel -os soldados recusam fazer a guerra por conta dos exploradores-

Em fins de Outubro, novo ataque do MPLA a Nabuangongo

Os oficiais lacaios da burguesia amedontram-se com pouco: em Mafra, no fim de semana de 16/17 faltaram duas armas, na 6ª companhia. Logo :estado de alerta no quartel, proibição de saídas até que as armas aparecerem
luta anti-colonial no exército: em muitos quartéis têm aparecido inscrições nos edifícios contra a exploração e contra a guerra coloniais

O SOLDADO DO POVO

A Covilhã é uma zona operária de fortes tradições de luta. Nos últimos anos a exploração capitalista tem, como em toda a parte, aumentado, sobretudo, com o aumento da dominação-imperialista, nomeadamente japonesa. Os capitalistas cada vez ganham mais, a carestia da vida cada vez é maior, e os salários estão cada vez mais...na mesma ou com pequenas alterações

Um dos principais exploradores da zona é o Paulo de Oliveira dos reclames da T.V
No dia 10 de manhã, nas duas principais fábricas da Covilhã fez-se greve ao trabalho. De tarde, às 3 horas, duas outras fábricas aderiram. Às 16 horas a maioria dos operários concentrou-se durante muito tempo no centro da cidade proclamando as suas reivindicações. A cidade foi cercada pela Guarda e pela Polícia que prendeu vários operários, no dia seguinte, os capitalistas chamaram o exército. Houve uma tentativa de assalto ao Banco Espírito Santo e os operários apedrejaram a casa do director de uma empresa e uma fábrica. Ao fim da tarde houve uma nova concentração e "trolha da grossa" com a guarda e a PSP. Nisto tudo, o Sindicato, NEM VÊ-LO.
Há 7 operários hospitalizados e pelo menos três chuis. consta também que um operário foi assassinado em plena rua, a golpes de sabre.

CONTRA ESTA VIOLÊNCIA SÓ A VIOLÊNCIA OPERÁRIA REVOLUCIONÁRIA É A RESPOSTA JUSTA E O CAMINHO PARA O FIM DA EXPLORAÇÃO: O CAMINHO DA REVOLUÇÃO

NOTÍCIAS DE PORTUGAL E DAS COLÓNIAS NOTÍCIAS DE PORTUGAL E DAS COLÓNIAS NOTÍCIAS DE